

## **A personagem na literatura portuguesa: uma leitura de *O Crime do Padre Amaro***

### **The character in Portuguese literature: A reading of *O Crime do Padre Amaro***

Deisi Luzia Zanatta\*  
deisil.zanatta@gmail.com  
Universidade de Passo Fundo (UPF)

---

**RESUMO:** Este estudo tem por norteamento central uma análise sobre a construção e a função das personagens Amaro e Amélia, da obra literária *O Crime do Padre Amaro* (1874), de Eça de Queirós. Visa, também, a uma abordagem sobre a sociedade de Leiria, em Portugal no século XIX, em que magistralmente o autor traça um perfil da vida provinciana e o regimento da Monarquia, Igreja e Burguesia, expondo a conduta das pessoas dominadas por esse sistema, a fim de criticar impiedosamente os valores que essa sociedade considerava como fundamentais. A opção por essa abordagem deve-se à evidência da corrente realista-naturalista, pois Eça mostra, através da ficção, como tal filosofia influenciou a vida dos habitantes fictícios da sociedade de Leiria e, principalmente, a ação das personagens principais, Amaro e Amélia, bem como a punição que esta sofre por provar do fruto proibido. Para tal, estudaram-se os postulados de Candido (1976), Reis (1999) e Citelli (2002), visando à compreensão dos mecanismos de construção de Amélia e as relações intrínsecas do resgate da identidade cultural e histórica de uma sociedade decadente em Portugal no século XIX, como também o comportamento e o discurso do clero e a punição que essa sociedade sofreu por ter sido dominada por pessoas inescrupulosas. De uma capacidade narrativa genial, Eça é minucioso na descrição das passagens da obra, pois faz um retrato crítico da sociedade de Leiria, o ambiente corrupto e responsável pelos desvios de Amaro e Amélia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Personagem. Amélia. Amaro. *O Crime do Padre Amaro*. Realismo-naturalismo.

**ABSTRACT:** This study focuses on the analysis of the construction and role of the characters Amaro and Amelia in the literary work of Eça de Queiros, *O crime do padre Amaro* (1874). It also aims at an approach to the society of Leiria in Portugal in the 19th century, in which the author masterfully presents a profile of provincial life and the regiment of the Monarchy, the Church and the bourgeoisie, exposing the conduct of the dominated people by this system in order to mercilessly criticize the values that society

---

\* Mestre em Letras pela Universidade de Passo Fundo (UPF)

considered fundamental. The choice for this approach is due to the evidence of the realist-naturalist trend in the novel, for Eça shows through fiction how such philosophy influenced the life of the inhabitants of the fictional society of Leiria – especially the action of the central characters, Amaro and Amelia – as well as the punishment inflicted on her for having taken the prohibited fruit. For this purpose, we studied postulates by Candido (1981), Reis (1999), Roani (2004), and Citelli (2002), aiming to understand the mechanisms of developing the character Amelia and the intrinsic relations present in the rescuing of the cultural and historical identity of a decadent society in the 19th century in Portugal and the behavior and the discourse of the clergy and the punishment this society suffered for having been dominated by unconscionable people. With brilliant narrative skills, Eça is detailed in the description of the passages because he makes a critical profile of the society of Leiria, the corrupted ambient responsible for Amaro and Amelia's deviation.

**KEYWORDS:** Character. Amélia. Amaro. *O Crime do Padre Amaro*. Realism-naturalism.

## **Introdução**

A obra *O crime do padre Amaro*, escrita por Eça de Queirós, teve sua primeira publicação no ano de 1875 em Portugal. O enredo do romance engloba o envolvimento do padre Amaro com a jovem Amélia na cidade de Leiria no século XIX. Através do fio condutor linguístico, o autor faz emergir um ambiente de muitas discussões acerca da religião e da fé, ao mesmo tempo em que a moralidade é colocada cada vez mais à prova. Por ter sido administrador do Conselho de Leiria, Eça consegue obter do mundo real o que seria o cenário de sua trama ficcional. Mesmo ultrapassando mais de cem anos após a data de sua publicação, *O crime do padre Amaro* é uma obra clássica do realismo-naturalismo português e chega aos dias atuais conquistando vários leitores.

A importância dos estudos subjacentes à personagem de ficção, neste trabalho, edificados sob a luz da teoria sobre a personagem, considerações de estudiosos das obras de Eça de Queirós e sobre o feminismo, permite ao investigador ampliar seus conhecimentos no âmbito da literatura portuguesa. Neste sentido, o objetivo deste trabalho é analisar a construção e a função das personagens Amélia e Amaro, bem como investigar a influência da corrente realista-naturalista nas ações destes personagens e na vida cotidiana dos habitantes da pequena, decadente e ficcional Leiria do século XIX.

Para a obtenção do objetivo proposto neste estudo, a investigação se desenvolve por meio de uma pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo, visando a uma análise acerca da personagem do romance, baseado em dados já existentes por meio dos seguintes procedimentos metodológicos: considerações sobre a personagem através dos postulados de Candido (1976); os enunciados de Roani (2003) acerca da criação da imoralidade de Amaro; a discussão de Reis (1999) acerca da importância da História na obra de Eça e o discurso persuasivo de acordo com Citelli (2002). Esta pesquisa apresenta-se assim estruturada: breves considerações sobre a personagem do romance, uma abordagem sobre a vida dos protagonistas, a análise do estudo e, por fim, a conclusão.

## **1 A personagem de ficção**

No percurso narrativo, é visível notar a imersão da personagem no mundo da linguagem. Mas esse mundo elaborado, linguisticamente, possui a preocupação de recriar a realidade, com todas as suas implicações históricas, sociais e culturais, incluindo os mais variados tipos de personalidades. Ao contrário do Romantismo, que o caráter das personagens era exaltando em tom de admiração e devoção, o *Realismo* se preocupou em criar personagens que representassem tipos comuns de personalidade, ou seja, preocupou-se em representar tipos comuns a qualquer sociedade.

Dotada de elementos compositivos, como narrador, tempo, espaço e circunstâncias, a narrativa literária põe em destaque um importante membro a ser caracterizado em seus enlevos linguísticos: a personagem. A caracterização da personagem permite ao leitor uma maior abrangência da sua constituição, que, em contato com a leitura da narrativa literária, consegue apreender a sua totalidade interna e externa. Se o objetivo do Realismo foi mostrar a essência do ser, sem as máscaras da exaltação contidas no Romantismo, ele também mostra que esse ser tecido de palavras está ligado ao um determinado ambiente social, incorporando o enredo e as idéias do autor, vivenciando-os. Desta maneira, o autor vai costurando as cenas de diferentes vidas sociais.

Vale salientar que a personagem parece, muitas vezes, bem mais definida e caracterizada do que os modelos reais. Isso se evidencia a partir dos postulados de Antonio Candido:

Essas considerações visam mostrar que o romance, ao abordar as personagens de modo fragmentário, nada mais faz do que retomar, no plano da técnica de caracterização, a maneira fragmentária, insatisfatória, incompleta, com que elaboramos o conhecimento dos nossos semelhantes. Todavia, há uma diferença básica entre uma posição e outra: na vida, a visão fragmentária é imanente à nossa própria experiência; é uma condição que não estabelecemos, mas a que nos submetemos. No romance, ela é criada, é estabelecida e racionalmente dirigida pelo escritor, que delimita e encerra, numa estrutura elaborada, a aventura sem fim que é, na vida, o conhecimento do outro (CANDIDO, p. 58, 1976).

Através das considerações de Candido, fica notável que a personagem é muito mais ampla do que a visão que possui dos seus semelhantes na vida real. A personagem de ficção não possui enigmas, suas partes fragmentadas formando o todo são totalmente caracterizadas, para que o leitor possa vê-la através de seus próprios olhos, sem a interferência do autor. Diferentemente ocorre na vida real, pois mesmo que conheçamos as partes fragmentárias do nosso semelhante, nunca teremos uma visão do todo, sua vida secreta pode nunca ser revelada, e continuamente a sua vida se seguirá na sociedade em que se insere.

Eça de Queirós ao contrário do que muitos pensam, não nasceu nem morreu em Lisboa. Porém, descrever minuciosamente a cidade é o que o autor faz de uma maneira excepcional. Em muitas de suas obras fica evidente a descrição dos lugares existentes, mas também, ocorre a descrição que há além das aparências, ou seja, Eça de Queirós se preocupa em mostrar o lado nefasto, vulgar e decadente da cidade. Para criar suas personagens, Eça transporta da influência cultural e social, o reflexo dos pensamentos de seu tempo. Em *O Crime do Padre Amaro*, o objetivo era mostrar o ambiente regido pela Monarquia, Igreja e Burguesia e as relações intrínsecas do resgate da identidade cultural e histórica de uma sociedade decadente em Portugal no século XIX. Através da estética ficcional, Eça consegue mostrar os valores eticamente deficientes de uma sociedade. Isso é bastante perceptível de acordo com Roani

A sociedade é surpreendida como um organismo vivo em cuja intimidade os elementos podem ser vistos deslocando-se, movidos pela vida ou pela decadência. Pois, para Eça, havia se tornado um imperativo dar estocadas no mundo oficial, sentimental, literário e religioso. Era necessário destruir as falsas interpretações de uma sociedade que apodrecia (ROANI, 2003, p. 45).

Evidenciar a sociedade portuguesa além das aparências reflete nos temas de suas obras, considerados verdadeiros escândalos morais. *O Crime do Padre Amaro* nos sugere o tema da castidade sacerdotal, que de acordo com as regras teóricas da Igreja Católica essa condição é primordial para um padre. No romance esse voto é quebrado, pois as forças humanas são mais fortes do que as regras impostas. Amaro rompe com a virgindade de Amélia, relegando-a ao esquecimento ao saber de sua gravidez e saindo impune do crime praticado após a morte de seu filho. Através disso, Eça mostra as veias morais e seus tipos, dotados de uma falta de personalidade sem igual.

No terceiro capítulo, o livro evidencia um pouco da história de Amaro Vieira. Os pais de Amaro eram criados da Marquesa de Alegros. Porém, morreram quando Amaro era ainda muito pequeno, com apenas seis anos de idade. A Marquesa de Alegros tinha muito carinho por Amaro, e sendo sua madrinha, passou a ser a tutora do menino, cuidando fielmente de sua educação. Entretanto, ela morreu quando ele tinha treze anos e foi por vontade dela, que ele entrou no seminário quando completou quinze anos. Ele achava o seminário muito monótono e chato e não possuía vocação para o sacerdócio, estando lá mais por comodismo do que por convicção. Era muito devoto e temente a Deus, mas o duelo constante entre o celibato e a sexualidade o deixava confuso, passando a odiar o seminário a cada dia. “Às vezes falavam de fugir. [...] anteviam balcões de tabernas onde se bebe, sala de bilhar, alcova quente de mulheres. [...] e já antes de fazer os seus votos desfalecia no desejo de os quebrar (QUEIROS, 2003, p 46-47).

O monólogo interior de Amaro expressa nitidamente que seus desejos sexuais e seu interesse por mulheres são constantes, porém o seminário o repreende. Essa repreensão é que faz aflorar a natureza normal de sua sexualidade. Inicia sua vida de sacerdote em Feirão, uma vila pobre na serra da Beira Alta, onde estava muito mal hospedado. Foi para Lisboa pedir que o tirassem dessa pequena vila e graças ao

Conde de Ribamar, Amaro foi transferido para Leiria. Amaro aos poucos já deixava transparecer que não tinha vocação para o sacerdócio, tornando-se preguiçoso, só pensando nos benefícios materiais que a vida sacerdotal poderia lhe trazer. Ao chegar em Leiria com ausência de experiência sexual, esse instinto é estimulado por Amélia. A partir disso o livro evidencia um pouco sobre o passado da co-protagonista.

A casa de Amélia situa-se na Rua da Misericórdia, onde fora criada perto da Igreja em meio a padres e beatas, num meio totalmente hipócrita. O livro aponta sobre as férias de Amélia no mar, onde ela conhece Agostinho e se apaixona. Quando volta para Leiria, Amélia recebe uma carta dele dizendo que havia se casado. Amélia se entristece muito. Mas o tempo passa e Ameliazinha, apelido dado a ela pelos íntimos da casa, agora com 22 anos, conhece João Eduardo, um moço jovem e amigo da família. A proximidade entre os dois aumenta, tornando-se o preterido ao casamento com Amélia.

Quando Amaro chega a Leiria para substituir o padre que havia morrido, hospeda-se na casa da Senhora Joaneira, mãe de Amélia. Ao conhecer Amaro, Amélia fica totalmente atraída por ele. A cada dia que passa, a admiração entre ambos cresce. Com o tempo deixou de dar atenção a João Eduardo, principalmente quando estava na presença de Amaro. Essa questão vai se intensificando ainda mais, quando na fazenda, sem o menor escrúpulo, Amaro beija o pescoço de Amélia e esta, fica totalmente adorada com a atitude do jovem padre, embora não tenha demonstrado. Porém, Amaro se arrepende e decide mudar de residência. Ambos, atraídos um pelo outro sentem a dor da separação e Amaro culpa Amélia por isso.

## **2 A representação das personagens na obra**

Vários podem ser os fatores e as circunstâncias que levam o romancista a criar suas personagens. Muitos autores criam suas personagens, fazendo com que estas articulem minuciosamente os movimentos da realidade, dando-lhes tão significativa vida, que ao ler a obra de ficção, nos deparamos estar vendo a realidade diante de nossos olhos. Em *O Crime do Padre Amaro*, Eça de Queirós constrói suas personagens “a partir de um modelo real, conhecido pelo escritor, que serve de eixo, ou ponto de

partida” (CANDIDO, 1976, p. 71). A estadia em Leiria, fez com que Eça observasse os costumes provincianos, o comportamento do clero e a conduta das pessoas da pequena cidade, modelando em seus personagens os temperamentos humanos e a influência do meio social, carregados de feroz criticidade. Desta forma, a trama romanesca se desenvolve por meio de dois personagens centrais, Amaro, que exerce papel de protagonista e Amélia, co-protagonista, ambos espelhando os secretos movimentos da realidade, ou seja, são seres fictícios, mas com atitudes totalmente reais.

Como visto anteriormente, a castidade sacerdotal é o ponto crucial da temática da obra. O rompimento constante do voto de castidade mostra a imposição de regras estabelecidas pela Igreja Católica, que de acordo Roani (2003): “Para Amaro, a preparação de um padre é criação de um monstro que tem de passar sua triste existência em batalha constante contra duas forças, as forças naturais e a força da razão” (ROANI, 2003, p. 46-47).

Ao criar Amaro, os preceitos do realismo-naturalismo são muito notáveis. Amaro é totalmente influenciado pelo meio sacerdotal, pois vive em meio a padres que praticam o oposto do que pregam. O Cônego Dias mantém um romance secreto com a mãe de Amélia, a Sra. Joaneira. Logo, por influência do meio, Amaro também pode ter um romance secreto se quiser. Ao descobrir o romance entre o Cônego e a mãe de Amélia, Amaro se questiona sobre a sua vida de sacerdote, pois se seu padre-mestre não abdica das relações sexuais em prol do voto de castidade, logo ele, um homem novo e forte não precisa lutar contra as forças naturais dos seus desejos sexuais, podendo também ter uma amante.

Eis aqui uma das características mais importantes do realismo-naturalismo: o determinismo do ambiente social. O caráter e o modo de agir de Amaro são determinados pelo ambiente social no qual habita. Ele é um ser totalmente fraco, pois é o exterior que determina que ele se torne um padre, ou seja, ele aceita passivamente o seu destino, jamais tentando lutar contra as forças exteriores que o dominam. Sai do seminário como se fosse um, porém com o passar do tempo em Leiria, torna-se cínico e corrupto e por não gostar de sua profissão, acaba pecando contra a castidade. Amaro foi criado pela Marquesa de Alegros em meio ao luxo, sempre tendo as melhores

mordomias possíveis, por esse motivo só pensa nos benefícios materiais que a vida de sacerdote lhe proporciona. Outro fator importante é que os desejos sexuais de Amaro são plenamente naturais, é justo que ele se revolte contra o voto de castidade.

Amaro vive um duelo constante entre celibato e sexualidade, desviando-se de sua profissão porque não poderá casar-se, odiando o seminário a cada dia. “Era no entanto devoto; rezava, tinha fé limitada em alguns santos, um terror angustioso de Deus. Mas odiava a clausura do seminário!” (QUEIROS, 2004, p .47). A ferocidade com que critica os membros da Igreja é bastante notável, a política da troca de favores em benefício próprio, o falso dogma religioso pregado linguisticamente e a valorização das ciências e teorias existentes da época mostram o domínio da Igreja, Monarquia e Burguesia. Os padres de Leiria só se mostram padres quando estão diante da sociedade, muitas vezes, deixam transparecer a falta de vocação que possuem.

Segundo Roani (2003), isso se comprava pelo seguinte pressuposto: “Junte-se ainda o apego a uma vida de bem estar e a sua falta de caridade, que se ilustra com as suas discussões sobre a pobreza, bem como com a exploração das crenças do catolicismo. A própria confissão é utilizada em proveito pessoal e institucional” (ROANI, 2003, p. 47). Isso se torna mais evidente quando os padres reunidos discutem a função da confissão: “Eu não quero dizer que a confissão seja uma brincadeira! Irra! [...] O que eu quero dizer é que é um meio de persuasão, de saber o que se passa, de dirigir o rebanho para aqui ou para ali... E quando é para o serviço de Deus, é uma arma” (QUEIROS, 2004, p .105). Padre Amaro, Padre Natário e Cônego Dias justificam usando o nome de Deus para as atitudes que praticam. No livro chamado *Linguagem e Persuasão*, Adilson Citelli rompe com a atitude dos três padres que justificam suas ações em prol da vontade do Deus todo poderoso. Segundo o autor

Nesse sentido, o discurso religioso realiza uma tarefa *sui generis* enquanto mecanismo de comunicação, pois, se os demais discursos autoritários-persuasivos podem vir a revelar a voz do sujeito falante, nele resta apenas a noção do dogma. Não deixa de ser uma situação curiosa estar diante da mais visível forma de persuasão e do mais invisível eu persuasivo! Deus não fala, dado ser uma realidade imaterial; quem fala em seu nome não é o dono do discurso: o pastor é apenas veículo, porta-voz, no máximo um “interpretador” da palavra do Senhor (CITELLI, 2002, p. 48).



Embora Eça mostre toda essa corrupção clerical, por parte de Padre Amaro, Padre Natário e Cônego Dias, o autor mostra que não se pode criar estereótipos, ou seja, por criar três padres corruptos e interesseiros, ele também cria o Abade Ferrão, uma pessoa digna da prática de suas atividades, mostrando com isso, que mesmo num ambiente dominado pela corrupção de padres, existe um que foge a essa regra, podendo ser tomado como exemplo, praticando a vida sacerdotal com prazer, sempre zelando pela Igreja.

Mas se a influência do meio ambiente é um dos principais agentes que direciona a ação das personagens, Eça mostra que Amaro segue o exemplo de Cônego Dias, seu mestre moral no seminário. O primeiro impacto ao saber que Amaro se envolve com Amélia, desperta em Cônego Dias um sentimento paterno em relação à rapariga, seu sentimento de fúria fica evidente. “O Cônego toma fôlego: - Não há padre mestre! O senhor desencaminhou a rapariga! Isto é que é uma canalhice mestra!” (QUEIROS, 2004, p. 298).

Na condição de padre-mestre, Cônego Dias põe-se no dever de dar lição de moral a Amaro. Mas este diz saber de tudo sobre o romance com a Senhora Joaneira:

- Ouça lá senhor Cônego Dias. Olhe que eu vi-o ao senhor uma vez na cama com a S. Joaneira...
- Mente! – mugiu o cônego.
- Vi,vi,vi! – afirmou o outro com furor. – Uma noite ao entrar em casa... O senhor estava em mangas de camisa, ela tinha-se erguido, estava a apertar o colete. Até o senhor me perguntou “quem está aí?” Vi, como estou a vê-lo agora. O senhor a dizer uma palavra, e eu a provar-lhe que o senhor vive há dez anos amigado com a S. Joaneira, à face de todo o clero! Ora aí tem! (QUEIROS, 2004, p.299).

O contrário surge quando Amaro e seu padre-mestre se dão conta de que a quebra do voto sacerdotal é uma constante comum, que ambos deviam se apoiar e continuar demonstrando essa canalhice dupla, considerando como fundamental a prática do ato sexual, conceito contrário aos preceitos que pregam e ao qual são submetidos:

- E ao sair, batendo nas costas de Amaro, fazendo luzir um olho de entendedor:
- Pois seu velhaco, tem dedo!
- Que quer você? Que diabo... Começa-se por brincadeira...

- Homem! – disse o cônego sentenciosamente – é o que a gente leva de melhor deste mundo.  
-É verdade, padre-mestre, é verdade! É o que a gente leva de melhor deste mundo. (QUEIROS, 2004, p.300-301).

Amaro tem um raciocínio egoísta para justificar os seus atos. É o caso da destruição do casamento de Amélia com João Eduardo, justificando pela linguagem dogmática de Deus, preceitos que impedissem que a união se concretizasse. Sua vida interior também exerce papel fundamental em sua caracterização, pois sua preocupação é somente com a sua vida sexual e com os benefícios materiais que a vida de sacerdote lhe proporciona, tendo ciúmes de João Eduardo e Amélia, nutrindo um sentimento de vingança. Amaro conta para Amélia que foi João Eduardo que escreveu a carta, difamando a nobre conduta dos padres, exercendo então sobre Amélia, um forte domínio psicológico, induzindo-a a terminar o namoro com o jornalista.

Amaro vai se tornando cada vez mais cínico, e sua hipocrisia chega ao limite máximo, quando toma conhecimento da morte de Amélia, procurando sair imediatamente de Leiria com medo de envolver-se em um escândalo. A ironia dos acontecimentos evidencia-se quando Amaro está batizando uma criança e ao mesmo tempo, seu filho estava sendo entregue a uma “tecedeira de anjos”. Percebe-se que a estrutura moral de Amaro se altera perante algumas situações, exatamente como acontece com as pessoas reais. Porém, Amaro sai impune do crime praticado, porque Eça pretende mostrar as chagas sociais, ou seja, castigar a sociedade impiedosa onde se passa o enredo, por ser dominada por pessoas dessa índole.

Na criação de Amélia, o autor traça os moldes de uma vida mesquinha e hipócrita. Seguindo as regras do realismo-naturalismo, mostra que o resultado dessa criação, revela explicitamente a formação do caráter moldado por um meio provinciano atrasado, dominado pelo poder eclesiástico. No decorrer das páginas do romance, Amélia vai sofrendo modificações físicas, tudo porque ao envolver-se amorosamente com Amaro, se fixa num relacionamento estável de felicidade e desejo. Porém, ao engravidar indesejavelmente, a personagem de Amélia se degrada e com isso ela se torna melancolicamente temperamental, o sentimento de culpa vai se introduzindo e passa a habitar o seu ser, fazendo com que sonhos horríveis invadam seu sono. Eis aqui um importante objetivo do realismo-naturalismo, ter uma visão patológica do ser

humano. O naturalismo é amoral e representa o Realismo levado às últimas conseqüências:

Uma vez acordara de repente, a uma voz que dizia, gemendo por trás da alta barra da cama: - Amélia, prepara-te, o teu fim chegou! Espavorida, em camisa, atravessou correndo a casa, foi refugiar-se na cama da Gertrudes.

Mas na noite seguinte a voz sepulcral voltou quando ela ia adormecer: Amélia, lembra-te dos teus pecados! Prepara-te Amélia! (QUEIROS, 2004, p.340).

Os resultados da degradação física de Amélia ocorrem por causa do seu estado psicológico, se desintegrando totalmente com a gravidez indesejada. Veja que nesta passagem da obra, Amélia passa a descuidar do seu corpo e também a odiar Amaro e o seu próprio filho:

Caiu então numa melancolia histérica que a envelhecia; passava os dias suja e desarranjada, não querendo dar cuidados ao seu corpo pecador; todo o esforço lhe repugnava; as mesmas orações lhe custavam, como se as julgasse inúteis; e tinha atirado para o fundo de uma arca o enxoval que andava a costurar para o filho – porque o odiava, aquele ser que ela sentia mexer-se-lhe nas entranhas e que era a causa da sua perdição. (QUEIROS, 2004, p.340 e 341).

Amélia é uma pessoa totalmente dominada pelo instinto sexual, bem como Amaro. Não há nenhuma relação de paixão entre eles; o que há é somente um envolvimento carnal. Amélia não possui valores morais e desconhece a verdadeira essência do sentimento que é o amor, nunca sabendo distinguir a diferença entre o bem e o mal. Nota-se que seus nomes possuem um sentido simbólico, Amaro significa “amargo”, o que se verifica na sua incapacidade de amar, opondo-se ao se sua amante Amélia, que significa “doce” e “aquela que traz o mel”.

Outro fator relevante na criação de Amélia é que seu caráter é totalmente dominado e moldado pelo meio eclesiástico – tudo porque é educada às margens da Igreja, convivendo diariamente com beatas e padres, os quais exercem sobre ela uma dominação psicológica muito intensa. Amélia tem um total servilismo à imagem da Igreja e não consegue separar os desejos sexuais dos religiosos. Com isso, ela exalta e deseja Amaro como se estivesse exaltando e desejando um santo. Ela sofre nitidamente a influência de sua mãe, de Amaro e ao fim da trama, também é

influenciada pelo Abade Ferrão, que ao final da trama, tenta salvá-la da influência de Amaro. Isso se percebe nitidamente, quando Amélia escreve uma carta a João Eduardo comunicando o fim de namoro: "(...) O que tudo lhe comunico por ordem da mamã, eu sou criada de V.S<sup>a</sup> Amélia Caminha" (QUEIROS, 2004, p.201).

Um elemento bastante significativo é o protótipo de mulher do século XIX. Isso é bastante visível na caracterização de Amélia, pois as mulheres são totalmente dominadas pelo sexo masculino. Amaro exerce sobre Amélia um domínio físico e psicológico muito intenso. Tudo o que Amaro lhe ordena é seguido fielmente por ela, inclusive deitar-se com ele:

Desde a primeira manhã, na casa do Tio esquelhas, ela abandona-se lhe absolutamente, toda inteira, corpo, alma, vontade e sentimento: não havia na sua pele um cabelinho, não corria no seu cérebro uma idéia a mais pequenina, que não pertencesse ao senhor pároco. Aquela possessão de todo o seu ser não a invadia gradualmente; fora completa, no momento que os seus fortes braços se tinham fechado sobre ela. Parecia que os beijos dele lhe tinham sorvido, esgotado a alma: agora era como uma dependência inerte da sua pessoa. E não lho ocultava: gozava em se humilhar, oferecer-se sempre, sentir-se toda dele, toda escrava; queria que ele pensasse por ela e vivesse por ela; descarregara-se nele, com satisfação, daquele fardo da responsabilidade que sempre lhe pesara na vida; os seus juízos agora vinham-lhe formados do cérebro do pároco, tão naturalmente como se saísse do coração dele que lhe corria nas veias. "O senhor pároco queria ou o senhor pároco dizia" era para ela uma razão tão suficiente e toda poderosa. Vivia com os olhos nele, numa obediência animal: tinha só a curvar-se quando ele falava, e quando vinha o momento a despertar o vestido (QUEIROS, 2004, p. 282).

As ações de Amélia são praticadas através da emoção e os princípios realistas são fruto do ambiente. Amélia exerce papel de co-protagonista, pois é Amaro que comanda o enredo de início ao fim, ou seja, seu personagem predomina em quase todo o romance, conduzindo-o, linearmente, passo a passo para o crime. Amaro é o ponto de partida de todas as ações do romance, por esse motivo todas as demais personagens exercem papéis de subsidiários do jovem padre, principalmente Amélia. Se o realismo-naturalismo considera que as ações humanas são fruto das leis naturais, ou seja, do ambiente social, das características hereditárias e do momento histórico, a construção e a função Amélia representa nitidamente esses três preceitos. É moldada

pelo ambiente sacerdotal, sua mãe é amante do Cônego Dias e exerce papel submisso de mulher, de acordo com os preceitos do século XIX.

Ao final da trama, Amaro se encontra com Cônego Dias em Lisboa e os dois relembram a vida na pequena cidade de Leiria com tamanho cinismo, parecendo que tudo o que aconteceu não passa de uma simples história, a qual por eles não foi vivida. A eles se junta o Conde de Ribamar e os três passam a exaltar os grandes feitos de Portugal:

A efígie de Camões representa um monumento ao passado heróico do país. Esses três tipos, um político e dois homens da igreja, representam o monumento a degradação e ao apodrecimento da sociedade portuguesa de oitocentos.[...] Tudo acaba, afinal em deboche, farsa, paralisação e decadência.[...] O estado das coisas está sendo atacado e a cena final revela, o significado mais amplo assumido pelo livro, a necessidade de uma revolução (ROANI, 2003, p.55).

A tríade do poder católico situada ao redor da estátua de Camões representa o resgate histórico de uma sociedade decadente no século XIX, regido por pessoas inescrupulosas que segundo Carlos Reis (1999): “A História inscreve-se no discurso da ficção queirosiana não como cenário estático, mas como elemento ideologicamente actuante” (REIS, 1999, p. 109). Desta forma, Amaro sai impune do crime praticado, mudando-se para Lisboa, onde continua usufruindo das regalias materiais da vida de sacerdote, pois quem sofre a punição é a sociedade que continua sendo habitada e dominada por pessoas inescrupulosas como Amaro, Cônego Dias e Conde de Ribamar. A evidência do caráter transformador da obra é notável, mostrando as impurezas de uma sociedade em decadência, fazendo com que o leitor se questione sobre as condições que devem transformar esse tipo de sociedade.

### **Considerações finais**

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho foi analisar a criação e a função de Amaro e Amélia na obra *O crime do Padre Amaro*, de Eça de Queirós e como os aspectos do realismo-naturalismo influenciaram na criação destes personagens. Ao elaborar uma narrativa de caráter onisciente, Eça traçou um perfil da sociedade

portuguesa decadente do século XIX na obra, representada por Leiria. Tal intenção foi alcançada, uma vez que, com o auxílio da base teórica proposta por Candido (1976), Reis (1999) e Citelli (2002) com o auxílio do estudioso da obra Roani (2003), foi possível seguir algumas pistas evidenciadas na obra sobre os elementos que contribuem para a construção e função da personagem Amélia.

O escritor retratou criticamente como era a personalidade das pessoas e de uma sociedade regida pelos valores morais da Igreja Católica, resgatando, assim, a identidade histórica e cultural da vida provinciana de Leiria.

A importância de Eça de Queirós ter vivido numa sociedade com tais características, durante seu trabalho como membro do Conselho de Leiria, as que engendrou na sua obra ficcional, fez com que ele conseguisse resgatar através da história um clima moral que denuncia a decadência da sociedade reconstruída na obra.

Observa-se que Eça de Queirós é minucioso na descrição das passagens, principalmente porque faz um retrato crítico da sociedade de Leiria, o ambiente corrupto e responsável pelos desvios de Amaro e Amélia. Com isso, a análise realizada neste trabalho não visa dar o assunto por vencido, mas sim, ser mais uma contribuição para a fortuna crítica de Eça de Queirós.

## **Referências**

CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: CANDIDO, Antonio et al. *A personagem de ficção*. (it). 6. ed. São Paulo: perspectiva, 1976.

CITELLI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. São Paulo: Ática, 2002.

REIS, Carlos. *Estudos queirozianos*. Ensaios sobre Eça de Queirós e a sua obra. Lisboa: Presença, 1999.

QUEIRÓS, Eça de. *O Crime do Padre Amaro*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

ROANI, Gerson. Eça de Queirós e a criação de um homem imoral. *Revista Língua & Literatura*, Frederico Westphalen, v. 4 e 5, n. 8/9 p 43-56, jun. 2003.

REIS, Carlos. Estudos queirozianos. In: \_\_\_\_\_. *Ensaios sobre Eça de Queirós e a sua obra*. Lisboa: Presença, 1999.